

**Cowboy + Xerife + Deus = Minotauro**  
**Desenho + Pintura + Objeto = Sacanagem**  
Marcio Harum

A fisicalidade de algo que não sabemos se é visível, se está presente ou ausente, é o que nos faz experimentar de maneira tão carnal, a exposição individual de Marcelo Gandhi. Em meio ao marcante conjunto reunido de desenhos sobre acetato, de acrílica sobre tela, de nanquim sobre papel e objetos, que compõem a mostra, surgem aos borbotões sensações raras, originadas talvez no fundo da memória, deflagradas pela perda de incertos artefatos afetivos, pela dor do desaparecimento de um ente querido, mas que repentinamente fundam um lugar aberto as vibrações pulsantes, aos moldes do que parece vir a ser um bom reencontro, a ser vivido intensamente.

A exibição vem atestar o que tem sido produzido de mais forte ao longo dos últimos anos no trabalho do artista. Gandhi parte do princípio categórico de expandir elasticamente o tema de sua obra, o que vem sendo confirmado tecnicamente pelas distintas sobreposições de camadas matéricas processuais, das quais integralmente se dedica. Seus objetos e *assemblages* 'macunaímicas', tomam sem pedir licença, práticas caracteristicamente performativas de apresentação. A linha de seus desenhos oscila entre a inadequação, a efemeridade e a permanência espacial. Os rasgos no plano se assemelham as manifestações dos feiticeiros na antiguidade, que deixaram como legado de seu tempo ao futuro, os bisões pintados nas cavernas, símbolo do desejo e êxito das caçadas. Tracejados de silhuetas delgadas, formas alongadas, pontos numéricos de uma ordem não mensurável, detalhes microscópicos de uma trama fantástica, atravessada por garatujas e rabiscos ruidosos, que remetem a cartas estelares do caos, em perfeito alinhamento com a sua percepção ao redor das coisas, reais ou não, e que representam a natureza selvagem do mundo.